

Cosmologia, paisagem, lugar e o método fenomenológico: possíveis reflexões em uma cidade impactada por barragem

Jonas Carvalho e Silva¹ e Marina Haizenreder Ertzogue²

¹ Doutorando junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasil. E-mail: carvalho707@hotmail.com

² Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente da Universidade Federal do Tocantins e Bolsista de Produtividade do CNPq. E-mail: marina@uft.edu.br

RESUMO: O artigo tem por objetivo discutir os conceitos de cosmologia, paisagem, lugar e o método fenomenológico, analisando as transformações ocorridas na cidade de Porto Nacional - TO com a criação da UHE Luiz Eduardo Magalhães, e o modo como a população passou a interagir com essa nova paisagem. Mesmo não sendo de campo o trabalho, as afirmações apresentadas partiram das concepções buscadas na teoria, aplicadas a análise de duas fotos retratando a paisagem do rio que banha o município de Porto Nacional, buscando a sensibilização analítica para os processos de ressignificação do lugar a partir da paisagem apresentada.

Palavras-chave: cosmologia, paisagem, lugar, método fenomenológico e Porto Nacional.

Cosmology, landscape, place and phenomenological method: possible reflections on a city impacted by dam

ABSTRACT: The article aims to discuss the concepts of cosmology, landscape, place and the phenomenological method, analyzing the transformation in the town of Porto Nacional -TO with the creation of the UHE Luis Eduardo Magalhães, and the way of Interact between the citizens and this new landscape. Although not being fieldwork, the claims submitted sought from the conceptions in theory applied to analysis of two pictures depicting the scenery of the river that runs through the municipality of Porto Nacional, seeking to raise awareness for the analytical processes of re-signification place from the landscape presented.

Keywords: cosmology, landscape, place, phenomenological method and Porto Nacional.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo analisar a partir de duas imagens as transformações ocorridas em Porto Nacional, Tocantins, numa perspectiva conceitual interdisciplinar e do método de análise fenomenológico. A cidade, desde os seus primórdios mantém uma estreita relação com o rio Tocantins, uma vez que em função des-

te, está a sua origem, que por anos dependeu das navegações realizadas para sua manutenção. No ano de 2001, com a construção da Usina Hidrelétrica (UHE) Luis Eduardo Magalhães, o município é impactado diretamente, e o que um dia foi rio se tornou reservatório. Nesse contexto, o trabalho faz uma reflexão sob as conceituações de cosmologia, paisagem e lugar, que se fazem pertinentes a esse acontecimento.

Para melhor compreensão da proposta, o corpo do trabalho está subdividido da seguinte forma: No primeiro item, será evidenciado quanto à abordagem utilizada, no caso a “fenomenológica”, a qual se define como uma volta às coisas mesmas, ou seja, aos fenômenos, aquilo que aparece à consciência.

O segundo item propôs compreender o termo cosmologia, a qual dá significados e valores a um determinado universo, explicando simbolicamente o seu cotidiano de acordo com as respostas que estes interpretam a natureza e o ambiente que os cercam.

O terceiro item traz uma abordagem conceitual de Paisagem e as manifestações destas nos cenários cotidianos. O quarto item faz uma referência aos conceitos de lugar, e como este se materializa e se solidifica a partir das relações do indivíduo com o meio em que vive.

O quinto item se remete aos resultados e discussões, onde se destaca as duas imagens já descritas e as interpretações realizadas a partir das mesmas de acordo com os conceitos de: cosmologia, paisagem e lugar. Posterior, seguem-se as considerações finais e referências bibliográficas do presente estudo.

2 FENOMENOLOGIA: UM MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO

O Método Fenomenológico se caracteriza por uma proposta de investigação de conhecimento criada por Edmund Husserl. Para Husserl (1992) ¹ a nova fenomenologia, decorrente da filosofia francesa, teve como percussor as idéias de Descartes. Os estudos das mediações cartesianas intervirão na nova configuração da fenomenologia nascente e lhe deu forma de sentido. O mesmo autor afirma que a atitude natural, não fenomenológica, faz a pessoa olhar o mundo de maneira ingênua como mundo dos objetos. A fenomenologia busca uma fundamentação totalmente nova, não só da filosofia, mas também das ciências singulares, enquanto as ciências positivas consideram os objetos como independentes do observador, a fenomenologia tematiza o sujeito.

Constata-se assim que a fenomenologia é um método que sustenta uma ciência de rigor e a proposta para a investigação de conhecimento pela articulação da objetividade e subjetividade. Ao optar pela fenomenologia como fundamentação, assume-se a responsabilidade de produção do conhecimento indo às coisas mesmas. Conheci-

¹ O texto originalmente apresentado em *Conferencias de Paris* (1929) está publicado em HUSSER, Edmund. **Conferências de Paris**. Lisboa: Edições 70, [1929] 1992.

mento este, construído e acumulado por outras pessoas. Esses conhecimentos são significativos, pois revelam o aprender.

Interrogar o mundo e o fenômeno é ir além daquilo que já está pronto; é fazer a própria história; é valorizar a ação do outro. Desvelar determinado fenômeno significa refletir e apreender o fenômeno tal qual ele se mostra, chegando-se a uma compreensão, como também representa recriar uma nova possibilidade de ser e de compreender o mundo do outro e da relação que o outro estabelece comigo. (FUKUMITSU, 2004, p.37)

A maneira em que determinado objeto se relaciona com outro ocorre pela subjetividade. O método fenomenológico se define, então, como uma volta às coisas mesmas, isto é, aos fenômenos, aquilo que aparece à consciência. “A fenomenologia se preocupa essencialmente com o rigor epistemológico, promovendo a radicalização do projeto de uma análise crítica dos fundamentos e das condições de possibilidade do conhecimento” (FIGUEIREDO *apud* FUKUMITSU, 2004, p.36).

A fenomenologia visa, assim, ser uma ciência de rigor, que se direciona à investigação do conhecimento, das condições de que algo pode ser objeto de pensamento. Husserl (1992) fala da consciência como o objeto norteador da fenomenologia. Segundo ele, quando esta tem tematicamente objetos da consciência, seja qual for sua natureza, se reais ou ideais, tem-nos apenas como objetos dos respectivos modos de consciência.

O método da fenomenologia estabelece uma relação direta com o objeto de conhecimento e o sujeito conhecedor, acreditando na visão de ser humano que se dedica a voltar às coisas mesmas. Como é possível re-experienciar, se esta ainda não passou ao campo vivencial? O pesquisador da fenomenologia focaliza sua atenção na forma, no vivido, cuja realidade só poderá ser conhecida por meio da própria vida.

Assim, pode-se considerar que a constituição das ciências humanas, como ciência específica, se consolidou a partir das contribuições da fenomenologia, uma vez que esta traz noção de essência ou significação como um conceito que permite diferenciar internamente uma realidade de outras segundo Marilena Chauí (2004). Este método possibilita olhar o sujeito com um agente multideterminado: psíquico, social, histórico e cultural. De acordo com Chauí (2004), antes de se pensar na fenomenologia, As ciências humanas tendiam a ordenar o objeto num agregado de elementos de natureza diversa do todo.

3 COSMOLOGIA: A FORMA COMO O INDIVÍDUO INTERPRETA O MUNDO EM QUE VIVE

A cosmologia surge da necessidade do ser humano em explicar seu surgimento e suas relações com a natureza, ou seja, sua realidade estruturada. Porém, desde seu

surgimento, a cosmologia passou por grandes transformações, compreendendo várias esferas da ciência, sempre com o intuito de buscar respostas a essas perguntas. A abordagem a ser discutida no trabalho será a abordagem de cunho antropológico que trata da cosmologia como sendo a necessidade do indivíduo em explicar sua existência e interação no mundo, compreender o universo em que está inserido, sendo que tanto a cosmologia científica como a tradicional surgiu desses questionamentos. Cada povo, tradicional ou não, cria símbolos e mitos para significar sua realidade, seja ela manifestada através da linguagem, dos rituais, da música, da história ou da interação desses sujeitos com outros sujeitos.

Tratando da forma como a pessoa interpreta o mundo em que vive, a cosmologia dá significados e valores a esse universo, explicando simbolicamente o seu cotidiano de acordo com as respostas que estes interpretam da natureza e do ambiente que os cercam. De acordo com Gleiser (1997, p. 24), o universo cosmológico se define como:

Isso explica porque mitos de determinadas culturas podem parecer completamente sem sentido em outras. De fato, um erro bastante comum, é usarmos valores ou símbolos da nossa cultura na interpretação de mitos de outras culturas... Os mitos têm que ser entendidos dentro do contexto cultural do qual fazem parte.

Para o autor, pelo fato dos mitos de criação ter um profundo significado, eles fornecem um retrato fundamental de como determinada cultura percebe e organiza a realidade à sua volta, valorando ou não certos aspectos construídos e organizados na formação de cada “povo”, sendo esta a forma como eles interpretam o universo, assim, tornando possível analisar como diferentes indivíduos interagem e atuam no mundo. Já segundo Chevalier e Gheerbrant (2006, p. 295), a cosmologia pode possuir, de acordo com a cultura, relação de transcendência traduzindo um sentido e sentimento universal de origem a um ser ou a seres extra-cósmicos. Vejamos:

Certas cosmogonias partem, aliás, não do nada, mas do caos. As águas, a terra, as trevas preexistem desde toda eternidade. Mas uma energia interveio, e daí surgiu à ordem e a luz... Esse princípio costuma ser identificado com o sopro ou espírito (spiritus)... De um ponto de vista geral, elas correspondem a um esquema humano da ação.

Portanto, a cosmologia (ou cosmologias) é a ciência que tenta dar respostas ao sujeito nas inquietantes buscas de sua origem e transcendência, seja ela passada culturalmente com os símbolos e mitos ou cientificamente como objeto através da física.

4 PAISAGEM: UMA MUDANÇA NAS RELAÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS DA PESSOA COM O AMBIENTE

Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variados. A mesma coisa acontece em relação ao espaço e à paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade. Sendo que a paisagem não tem nada de fixo ou imóvel.

As alterações por que passa a paisagem são apenas parciais. De um lado, alguns dos seus elementos não mudam, pelo menos em aparência, enquanto a sociedade evolui. São testemunhas do passado. Por outro lado, muitas mudanças sociais não provocam necessariamente ou automaticamente modificações na paisagem. E esta mostra claramente os sinais do tempo, os grupos sociais que a criaram e a mantêm sendo assim um mosaico de diferentes eras. Assim sendo Claval (2004, p. 34) afirma que a “descrição de paisagens urbanas tais como as descobrimos percorrendo a cidade dá idéia das etapas de sua evolução, mas não explica seu papel, não mostra do que a cidade vive, não permite compreender seus problemas.”

Onde se intercala casarões antigos com estruturas modernas fazendo do espaço da paisagem um conjunto de elementos diversos, mais com significados especiais para cada observador. A paisagem é aqui representada como cheia de predicados ao se tratar de lembranças afetuosas de uma população culturalmente apegada com seus lugares. A modificação desta paisagem natural, trás a população uma sensação de vazio, visto que há uma ligação direta deste povo com o ambiente natural que os cercam e fazem parte de seus ciclos de vida e de convívio. Neste contexto de manifestações da paisagem, segundo Solórzano; Oliveira e Guedes-Bruni (2009, p. 52): “a paisagem é retratada como a manifestação material das relações entre os seres humanos e o meio ambiente”.

Relação direta de apego com os locais de representações culturais entre pessoas e o meio que as cercam e as preenchem. Todas as vezes que a sociedade passa por um processo de mudança, as relações sociais e políticas também mudam, mesmo que em ritmos e intensidades variados. Ocorre o mesmo em relação ao espaço, uma vez que a paisagem se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade. A paisagem é tratada como frutos de uma ação humana no próprio espaço. A paisagem também é representação. “Portanto, se a paisagem remete necessariamente à natureza e à representação, ambas remetem ao problema do imaginário em função da mediação simbólica que assume a representação da natureza para os mais diferentes grupos sociais.” (CASTRO, 2000, apud MACIEL 2009, p. 78).

Constituída assim, através das relações humanas com o espaço natural. A observação da paisagem é de grande importância, uma vez que retrata as relações sociais estabelecidas em um determinado local, onde cada observador seleciona as imagens que achar mais relevantes, portanto, diferentes pessoas enxergam diferentes paisagens. Roderick Nash [*Environmental History*, 1970] citado por Donald Worster (1999,

p. 200) recomendava que “encarássemos toda a paisagem ao nosso redor como um tipo de documento histórico”.

Uma paisagem representa diferentes momentos do desenvolvimento da sociedade. Sendo esta o resultado de uma acumulação de tempos. Para Marques (2001), o pensar da paisagem implica também a presença de um juízo crítico sobre o poder humano de modelar e transformar. A paisagem, assim como o espaço, altera-se continuamente para poder acompanhar as transformações da sociedade. A forma é alterada, renovada, suprimida, para dar lugar à outra forma que atenda às necessidades novas da estrutura social. Seguindo a linha do conceito de paisagem apresentado por Marques (2001, p. 152), ele acrescenta que “os filósofos da paisagem são críticos do espetáculo das cidades” pela atrofia do espaço, pelo exílio das forças naturais, pela concentração excessiva e ruidosa de humanidade.

5 CONCEPÇÃO DE LUGAR: O LÓCUS DA REPRODUÇÃO DA VIDA COTIDIANA

A concepção de lugar parte do prisma deste se consolidar por meio da reprodução da vida diária, onde perpassa todas as relações do ser humano, tendo como base fundamental a identificação de uma determinada pessoa com o local onde vive, criando assim, vínculos diversos. Nesse sentido, Ana Fani Carlos (2007, p.17) afirma que:

O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante - identidade - lugar. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo.

Nessa perspectiva, evidencia-se a relação estabelecida entre o indivíduo e o espaço o qual passa a condição de lugar, sendo este, dotado de vivências afetivas que reproduzem a vida cotidiana, e se apropriando de significados, a partir da subjetividade dos sujeitos. Ana Fani Carlos (2007, p. 14), destaca que:

O lugar guarda em si e não fora dele o seu significado e as dimensões do movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos e do corpo. O lugar se produz na articulação contraditória entre o mundial que se anuncia e a especificidade histórica do particular.

Nesse mesmo intuito, Mesquita (1998), faz referência por meio da geografia humanista que “o lugar, tomado na perspectiva da Geografia Humanista, é ou pode vir a ser o *lócus* da experiência envolvendo razão e emoção. Isto se dá de várias maneiras

ao impregnarmos significados ao lugar mobilizando nossa razão e nossa sensibilidade". (p. 73).

Assim, o lugar passa a ser constituído, dessa interação do ser humano com o meio em que habita, a partir da subjetividade que se expressa em cada indivíduo e somente por meio deste o espaço se torna lugar, pois:

A dimensão humana é que pode transformar o espaço em lugar. O lugar se constitui quando atribuímos sentidos aos espaços, ou seja, reconhecemos a sua legitimidade para localizar ações, expectativas, esperanças e possibilidades. Quando se diz "esse é o lugar de", extrapolamos a condição de espaço e atribuímos um sentido cultural, subjetivo e muito próprio ao exercício de tal localização. (CUNHA, 2008, p. 184).

Portanto, o lugar é constituído nas práticas e vivências cotidianas de cada indivíduo, sendo este concebido a partir das relações e interações estabelecidas da pessoa com o ambiente.

6 PERCURSO METODOLÓGICO

Trata-se de uma pesquisa de caráter descritivo-analítico. A coleta de dados foi realizada utilizando-se pesquisa bibliográfica, documental, em artigos e materiais fotográficos relacionados ao tema do artigo. O referencial teórico foi embasado na leitura de textos fornecidos pela disciplina de Introdução aos Estudos da Sociedade, do curso de pós-graduação em Ciências do Ambiente, ofertado pela Universidade Federal do Tocantins no ano letivo de 2011, bem como por utilização da ferramenta de pesquisas indexadas no site "Google acadêmico", sendo estes últimos selecionados para leitura prévia, os mais citados. Os aspectos relacionados à busca bibliográfica eram: Conceito de lugar, paisagem e cosmologia e história ambiental, buscando a interface da Geografia, Antropologia fenomenológica e História.

Amostra – O trabalho teve como cenário o Município de Porto Nacional. O município, impactado pela Usina Hidrelétrica Luis Eduardo Magalhães, tem uma população estimada em 50 mil habitantes e sua principal atividade econômica é a agricultura (IBGE, 2010). Optou-se por trabalhar com a análise focal de duas fotos, que retratam a paisagem do rio Tocantins em pontos próximos. Estas fotos foram selecionadas mediante busca documental que pudesse retratar a paisagem escolhida e que tivesse um intervalo de tempo que significasse o ambiente antes da construção da UHE e outra do momento presente.

Procedimentos – Durante o curso da Disciplina de Introdução aos Estudos da Sociedade foi proposto um trabalho interdisciplinar, que abordasse os textos trabalhados em seminário, e que finalizasse com a produção de um artigo. Desta forma, foi reali-

zada uma análise interpretativa dos textos trabalhados na disciplina, bem como levantamento bibliográfico.

Em seguida, realizou-se pesquisa documental de fotos que retratassem a paisagem antes da construção da UHE. Após isto foi realizada uma análise qualitativa dos dados e apresentada à turma, para depois produzir o presente artigo. Os dados coletados foram analisados segundo a análise de conteúdo de Bardin (2004), que objetiva analisar o conteúdo absorvido, levantando as categorias fundamentais do mesmo através da análise e discussão dos resultados.

7 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A cidade histórica de Porto Nacional, que pertenceu ao Estado de Goiás, antes da criação do Estado do Tocantins (1988) teve sua origem nos períodos auríferos do então norte goiano, e seu desenvolvimento se deu em virtude à navegação do Rio Tocantins e o comércio com Belém do Pará, pois o rio era a forma mais viável de trafegar nesse período, se configurando a princípio como um ponto de apoio, às margens do Rio Tocantins. Porto Nacional surgiu no contexto da exploração do ouro no século XVIII.

Conhecida como a capital cultural do norte de Goiás, Porto Nacional teve papel fundamental para o desenvolvimento da antiga região norte do Estado, desde o século XIX até meados do século XX, quando foi “atropelada” pela Belém-Brasília. Com a construção dessa rodovia, os polos de desenvolvimento das margens do rio Tocantins foram transferidos para o traçado da estrada, com o surgimento de novos centros urbanos. Passado o auge da mineração, o norte, que já não possuía expressividade no contexto goiano, passaria despercebido, não fosse a determinação de alguns homens em insistir no desenvolvimento da região. Dentre esses homens encontravam-se os de Porto Nacional, que, através do comércio com Belém pelo rio Tocantins, a fundação de periódicos, e a criação de centros educacionais, conseguiram manter certa vivacidade na região. (OLIVEIRA, 2013, p. 77)

A ligação da comunidade portuense com o rio Tocantins perpassa desde os tempos da sua criação e se perpetua por décadas, e aos poucos o município de Porto Nacional vai ganhando características e aspectos próprios. Sendo assim, um espaço que antes se constituía como um mero suporte vai se constituindo como “lugar” para os que chegavam e permaneciam, pois este foi se constituindo e se dotando de valores e significados para os mesmos.



Figura 1: retrata a atividade de lavagem de roupa no rio Tocantins antes do enchimento do lago da UHE de Lajeado

O espaço se torna lugar quando o indivíduo estabelece valores e consequentemente passa a ser conotado de uma representação social, possuindo uma significação própria para o indivíduo. Para Yi-Fu Tuan (1983, p. 6) "o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor", se constituindo como uma cidade referência do então norte goiano e posterior com a criação do Estado do Tocantins no ano de 1988 se constitui como um dos principais centros urbanos do mesmo.

No ano de 2001, com a criação da Usina Hidrelétrica Luis Eduardo Magalhães – UHE, várias cidades do estado foram impactadas, dentre as quais se inclui Porto Nacional, e a cidade que até então possuía um rio, passou a ter um lago (reservatório), necessitando alterar além dos hábitos, mas também a paisagem. A população se viu numa nova conjuntura e sistemática nas práticas cotidianas. Para a formação do reservatório e a construção da Av. Beira Rio, muitos moradores foram deslocados de suas antigas habitações, o que contribuiu para geração de impactos sociais junto a essa comunidade. Outros moradores, cujas habitações não foram afetadas diretamente por esses empreendimentos, permaneceram nos seus locais de origem, porém passando a conviver com uma nova paisagem, dotada de uma nova dinâmica social e ambiental.



Figura 2: O lago da UHE Luís Eduardo Magalhães próximo de Porto Nacional -TO

Diante desse contexto de transformação ocorrido na formação do lago da UHE de Lajeado na cidade de Porto Nacional, a cosmologia se torna um método de análise relevante, pois será através dela que compreenderemos a ressignificação dessa paisagem e seu universo simbólico, entendendo como os sujeitos interpretam e agem no mundo.

A cosmologia sempre se evidencia quando tratamos da cultura de determinado povo, população, etnia ou grupo social, mas antes de qualquer coisa, torna-se necessário explicarmos o conceito da palavra cosmologia. Segundo o dicionário de filosofia de Durozoi e Roussel (1993, p. 108-109):

O termo cosmos significa “ordem” em grego e designa, desde os pré-socráticos, o universo material concebido como um todo ordenado e harmonioso por oposição ao caos. Em epistemologia, a cosmologia reúne o conjunto de disciplinas que estabelecem as leis da matéria, e mais precisamente, qualquer teoria científica do universo.

Outra definição mais significativa dessa classificação é proposta por Odair Giralдин (2008, p.2), que explica:

Cosmogonia (explicação sobre a origem do universo) cosmologia (explicação sobre a origem e organização dos elementos do universo) e uma antropologia (como explicação sobre a origem dos seres humanos). As cosmologias, cosmogonias e antropologias, todas as visões de mundo, enfim, expressam-se em diversas formas de linguagens: na língua, nos rituais, nos grafismos, nas músicas, na interação social.

Assim, tornam-se evidente na interpretação dessa paisagem as mudanças ocorridas não só do ponto de vista estético e do capital, mas como estes moradores do entorno do antigo rio Tocantins, antes de se tornar reservatório, tinham uma relação cosmológica com essa paisagem.

Ao que se supõe, o rio tinha um significado profundo para esses sujeitos, havendo uma relação de pertencimento por parte dos moradores, o rio era não somente uma extensão de suas casas, mas parte de suas vidas (a maioria das casas davam fundo para o rio), usado não só para pesca de subsistência, mas como para lazer e utilidades domésticas como lavar roupas, lavar louças, apanhar água para beber etc. Esta relação era balizada através do respeito e da igualdade, sendo o rio compreendido como sujeito nessa interação, sendo este também merecedor de respeito e cuidado por todos.

Com o enchimento do reservatório os moradores passam a interpretar o lago como algo “do outro ou para o outro”, visto que não se identificam mais com essa paisagem e não se sentem mais pertencentes a esse universo. Agora, suas vidas já não podem mais seguir as sazonalidades do rio para se referenciar, pois as famílias se

pautavam pela cheias e secas do rio durante o ano para plantar, pescar e, esse ciclo foi quebrado pela ação humana com cunho capitalista sem levar em conta princípios e valores culturais desses sujeitos. Visto que a utilização do reservatório se mantém pela venda da energia gerada para outros estados, com a justificativa do “progresso” incutida pelo modo de produção capitalista, tendo como pano de fundo o lucro de minorias e grandes impactos para a população que dele vivia direta ou indiretamente.

Na perspectiva paisagística do espaço modificado percebe-se as modificações temporais do lugar através dos patrimônios culturais da cidade, na medida em que fazem parte do cotidiano das pessoas estando presentes em suas representações sociais. Em se tratar desta paisagem como cheia de predicados e sentimentos pode-se perceber que após a criação do Lago da UHE de Lajeado fica visível na população a carência de suas origens e suas simbologias, sendo que neste estudo de caso, é notório o valor cultural e afetivo da paisagem para os portuenses.

É prezável que a paisagem possui uma importante função de alimentar a memória social, além de trazer características de um cenário em permanente transformação, onde a vida desenvolve-se em plenitude. A renovação constante é uma característica própria da paisagem, o que reforça a necessidade da sua preservação, na medida em que nela estão impressas as trocas entre o indivíduo e a natureza, próprias de um determinado lugar.

Destarte, a singularidade das paisagens como retratam alguns autores contemporâneos devem buscar defender a preservação da paisagem tanto natural como da urbana, buscando sua importância na construção da identidade cultural dos habitantes de cada região.

Yi-Fu Tuan acrescenta ainda que a paisagem deixa de ser efêmera quando “nossos olhos ficam presos ao cenário por alguma outra razão, quer pela lembrança de fatos históricos que santificaram a cena, quer pela lembrança de sua subjacente realidade geológica e estrutural” (1980, p.108). Portanto ele deixa evidente que as relações de representação da população local, não se detêm apenas a aspectos estéticos e aos componentes físicos da paisagem. Mas que esta vem cheia de sentidos.

Neste mesmo contexto, Collot, afirma que a paisagem deixa de ser o cenário e, nos passa a revelar que há “(...) uma experiência onde o sujeito e objeto são inseparáveis, não somente porque o objeto espacial é constituído pelo sujeito, mas também porque o sujeito encontra-se englobado pelo espaço” (1986, p.212), e pela dinamicidade de suas histórias, aqui pode-se perceber uma relação direta da paisagem também com os sentidos fisiológicos de cada observador, visto que a visão, a audição e o olfato, fazem parte deste ambiente de significados, onde momentos coletivos e individuais remetem o expectador as diversas experiências de alegrias bem como de tristezas, diante da realidade presente englobando a construção do lago.

É de se presumir para aqueles que nasceram na cidade e em seguida foram desapropriados, que os efeitos deletérios da construção da usina fazem parte de suas vi-

das presentes. Sendo estes efeitos não só de ordem econômica, mas também de ordem emocional, remetem à perda de lugares e paisagens carregados de memórias e sentimentos e que agora são inutilizados.

Assim leitura que moradores mais antigos possam trazer da implantação da UHE contrapor-se-ia a da população mais jovem que é proprietária de alguma atividade econômica, ou mesmo de lazer proporcionado as margens do lago. Visto que a paisagem de significados e representações sociais para os primeiros deixa de existir em sua totalidade, passando a ser somente uma recordação em suas memórias.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do pressuposto do método fenomenológico, na perspectiva em que se debruça ao objeto de estudo por meio das experiências vividas e do significado dos fenômenos que modela, modifica e guia o sujeito, pensar o rio Tocantins, no espaço em que banhava o município de Porto Nacional (região central), faz-nos remeter as representações existentes nesses espaços e as modificações a ele ocorridas após o alagamento.

Poder-se-ia pensar na visão que esses sujeitos desenvolvem no lugar em que tinham o rio como objeto de vivência, parte de si, extensão do lar. Assim, as discussões aqui abordadas remeteram-se as possíveis ressignificações apresentadas pelos cidadãos, que uma vez ribeirinhos, se tornam personagem de um espaço modificado e construído na interface da ação do sujeito como objetivo de transformação e (des) crescimento social, pensado majoritariamente por uma minoria detentora de poder e decisão.

Seria então esse espaço vivido possível de ressignificações por esses sujeitos que dele o conceberam em um enfoque paisagístico não mais condizente com a cultura da população até então ribeirinha? Ao se transformar em lago, a cosmologia dessa população se incumbe de transformação, mas seria essa uma transformação construída ou imposta por um sistema de globalização e avanço econômico? Pensar em cosmologia de uma população leva-nos à idéia de uma visão de mundo socialmente construída e concebida pelos sujeitos que a subjetivam e fazem dela prática de seu cotidiano. O que nos faz refletir são a possibilidade e significação de lugar a partir da idéia modificação do espaço internalizado.

No sentido de que o lugar se remete ao espaço próprio do sujeito, que se emana nos conteúdos intra e inter-subjetivos, podemos nos remeter ao lugar imaterial dos sujeitos que vivenciaram um rio com culturas sazonais, em que este se estendia ao lugar de morada (lar). Em contraponto, estes mesmos indivíduos se encontram na paisagem sobreposta pelas modificações temporais em que conflitam suas cargas emocionais com o processo (dês) reconstruído. Seria então realmente possível pensar na transferência de identidade do lugar por meio de ações impostas por uma minoria que não é imersa na cultura do cotidiano, mas sim componente de um território?

Acreditamos que em tais momentos de transformação e re-significação do lugar em ações sobrepostas pelo território, é de significativa relevância envolver os sujeitos do lugar na re-apropriação do espaço modificado, para assim minimizar as perdas de culturas e práticas, que uma vez erradicadas, podem contribuir para uma crise identitária, resultando em consequências positivas ou negativas, no que se remete ao controle social e às condutas adequadas vias as políticas de convivência.

Portanto, a ressignificação dessa paisagem e seu universo simbólico representa como os sujeitos interpretam e agem no mundo e quais as consequências de toda essa dinamicidade e “desenvolvimento” para os indivíduos envolvidos nesse processo.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 2007.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2004.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução de Vera da Costa e Silva et al. 20 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- CLAVAL, Paul. “A Paisagem dos Geógrafos.” In: CORRÊA, Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny. **Paisagens, Textos e Identidade**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2004.
- COLLOT, M. “Points de vue sur la representation des paysages.” In: **L'Espace Géographique**, n.3. Doin, 8, plce de IÓdéon, Paris-VI^e, 1986.
- CUNHA, Maria Isabel “Os conceitos de espaço, lugar e território nos processos analíticos da formação dos docentes universitários.” **Educação Unisinos**, v. 12, n. 3, p. 182-186, 2008.
- DUROZO & ROUSSEL. **Dicionário de Filosofia**. Campinas: Papirus, 1993.
- FUKUMITSU, Karina Okajima. **Uma visão fenomenológica do luto: um estudo sobre as perdas no desenvolvimento humano**. Campinas: Editora Livro Pleno, 2004.
- GIRALDIN, Odair. “Cosmologia e linguagem. Patrimônios culturais dos povos indígenas no Tocantins”. In: **Vivências e Sentidos: O patrimônio Cultural do Tocantins**. Goiânia: IPHAN, 14^a. Sup. Regional, 2008.
- GLEISER, Marcelo. **A dança do universo: dos mitos de Criação ao Big Bang**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- HUSSERL, Edmund. **Conferências de Paris**. Lisboa: Edições 70, [1929] 1992.
- MACIEL, Caio. “Morfologia da paisagem e imaginário geográfico.” **GEOgraphia**, v. 3, n. 6, p. 71-82, 2009.
- MARTINS, Luís. Legado, paisagem e turismo... pelo Minho na procura de uma dimensão sensorial. **Geografia: Revista da Faculdade de Letras**, n. 1, p. 149-156, 2012.
- MESQUITA, Zilá. “Espaço, território e lugar: estas palavras ciganas”. **Educação, Subjetividade e Poder**. Porto Alegre. Núcleo de Estudos sobre Subjetividade, Poder e Edu-

cação. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS, Unijuí, vol. 5, julho, p. 64-75, 1998.

OLIVEIRA, Fátima Maria. Porto Nacional: tradição cultural no sertão". **Revista Educação & Mudança**, n. 5/6, p. 75- 92, 2013.

SOLÓRZANO, Alexandro; OLIVEIRA, Rogério Ribeiro e GUEDES-BRUNI, Rejan "Geografia, História e Ecologia: criando pontes para a interpretação da paisagem." **Ambiente & Sociedade**, Campinas, v. XII, n.1, 2 p. 49-66, 2009.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. São Paulo: Difel, 1980.

_____. **Espaço e lugar**. São Paulo: Difel, 1983.

WORSTER, Donald. "Para fazer história ambiental." **Revista Estudos Históricos**, v. 4, n, 8, p. 198-215, 1991.

Artigo recebido em 27 de agosto de 2014.

Aprovado em 01 de julho de 2015.